

# LINGUASAGEM

## ALTERAÇÕES DE MEMÓRIA, ASSOCIAÇÕES LINGUÍSTICAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

Iva Ribeiro COTA<sup>1</sup>  
Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta um recorte de sete meses de uma trajetória de acompanhamentos longitudinais de sujeitos participantes de uma pesquisa cuja temática envolve a linguagem em meio às alterações de memória. O que se questiona é a maneira que os encontros virtuais, realizados a partir das restrições da pandemia, repercutem no acompanhamento neurolinguístico de sujeitos com diagnóstico médico de alteração de memória após eventos neurológicos. Os resultados mostram um novo olhar para os encontros virtuais que repercutem com desafios e possibilidades para os processos de análise, devendo ser vistos como um lugar de construção a partir de particularidades, especificidades de sujeitos, que vão além de condições ambientais e adversas, não estão circunscritas, para possibilitar condições para operar com a linguagem e continuar atuando com o outro e o mundo.

**Palavras-chave:** Alterações de memória; Associações linguísticas; Práticas discursivas; Pandemia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Mestra em Linguística (UESB); Especialista em Linguística (UESB); Psicopedagogia (FACINTER); Linguagem, códigos e suas tecnologias (FACINTER); Docência no ensino superior (Fundação Novo Milênio) e Licenciada em Letras com habilitação em Português / Inglês pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Desenvolve pesquisa no âmbito da sub-área de Neurolinguística. Tem experiência na área de Linguística, Neurolinguística e Ensino de Língua Materna e Língua Estrangeira. É Membro da Rede Brasileira de Aprendizagem Criativa. Email: [ivarcota@gmail.com](mailto:ivarcota@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; Professora plena do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB; Professora do Programa de Pós Graduação em Linguística da UESB; Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (CNPq/UESB) e Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (CNPq/UESB). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Neurolinguística, Lexicologia e Análise Linguística. Atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, terminologia, afasia, linguagem e memória. Email: [nirvanafs@terra.com.br](mailto:nirvanafs@terra.com.br)

## Abstract

This article presents a seven-month clipping of a trajectory of longitudinal follow-ups of subjects participating in a research whose theme involves language in the midst of memory alterations. What is questioned is the way in which virtual meetings, carried out based on the restrictions of the pandemic, have an impact on the neurolinguistic follow-up of subjects with a medical diagnosis of memory alteration after neurological events. The results show a new look at the virtual encounters that reflect with challenges and possibilities for the analysis processes, and should be seen as a place of construction from particularities, specificities of subjects, which go beyond environmental and adverse conditions, are not circumscribed, to enable conditions to operate with language and continue acting with the other and the world.

**Keywords:** Memory disorders; Language associations; Discursive practices; Pandemic.

## Introdução

O ano de 2020 representa um marco histórico pelos efeitos provocados pela pandemia advinda da Covid-19 em que a sociedade mundial foi afetada em amplos sentidos pelos riscos e acometimentos provocados pelo contágio do vírus, Sars-coV-2, e pelas restrições que o cenário pandêmico exige, conforme a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020.

Nesse contexto, no que diz respeito às pesquisas linguísticas, não só restrições ocorreram por conta da impossibilidade da realização de atividades presenciais nas universidades e nos laboratórios como também inovações e adaptações foram fomentadas no âmbito da utilização de tecnologias e inovação de recursos. Dessa forma, este texto apresenta o resultado de um recorte de sete meses de acompanhamento longitudinal por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva, que foi adaptado às restrições pandêmicas de uma pesquisa que investiga a interferência da linguagem em alterações de memória após eventos neurológicos.

A pergunta norteadora deste trabalho questiona de que maneira os encontros virtuais, realizados a partir das restrições da pandemia, repercutem no acompanhamento neurolinguístico de sujeitos com diagnóstico médico de alteração de memória após eventos neurológicos, pois o que se hipotetiza é que as situações dialógicas em conjunturas ambientais adversas que não estão circunscritas podem também possibilitar condições para o sujeito com comprometimento de memória operar com a linguagem e continuar atuando com o outro e o mundo, desde que advenham de situações profícuas e significativas de interação.

O acompanhamento longitudinal a que a pesquisa se refere contempla uma demanda recebida pelo Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Para realização das interações com os sujeitos identificados como JM e VM, foram esquematizadas situações enunciativo-discursivas que ocorreram, inicialmente, no espaço físico do Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (CeCIN), que tem como sede o Laboratório de Pesquisas em Neurolinguística (LAPEN) e, em seguida, passaram a ser realizadas de forma remota com auxílio de ambientes virtuais de interação pela internet em virtude do contexto pandêmico, ocasionado pela disseminação do novo coronavírus.

Mais especificamente, analisam-se dados de dois sujeitos vítimas de eventos neurológicos, encaminhados ao LAPEN por médicos neurologistas da cidade. JM e VM são acompanhados para estabelecer inferências sobre as relações entre língua(gem) e memória, visto que, após episódios neurológicos, ficaram com comprometimento de memória.

Nesse propósito, a conduta da coleta e da análise dos dados obtidos alinha-se aos princípios da Neurolinguística Discursiva, que orienta a avaliação e o acompanhamento longitudinal de sujeitos, bem como o diálogo com diferentes áreas para análise de dados de linguagem e suas possíveis relações da Linguística com a Neurologia e a Neuropsicologia. Esses subsídios direcionam o estudo da relação entre o sujeito, mente, cérebro e linguagem, tanto teoricamente quanto metodologicamente, ao direcionar uma perspectiva enunciativo-discursiva para explorar o efeito que o contexto pandêmico provocou no acompanhamento de práticas discursivas desses sujeitos com acometimentos de memória.

Até então, as pesquisas com base na Neurolinguística Discursiva (COUDRY, 1988) apresentam como ponto de partida situações presenciais para análise de práticas discursivas, mas a pandemia, que emerge de forma abrupta, proporciona um olhar para os encontros virtuais e isso repercute com desafios e possibilidades para os processos de análise para a linguagem em uso nos casos de alterações de memória após eventos neurológicos.

Dessa forma, o que se objetiva é a análise de um recorte de 25 sessões realizadas no contexto pandêmico de forma virtual e 44 sessões realizadas de forma presencial. Com

esse propósito, apresenta-se a adequação metodológica para atender às restrições da pandemia e analisam-se os efeitos dessas práticas nos dados-achados advindos desses processos de interlocução com o intuito de subsidiar acompanhamentos similares.

### **Caminhos percorridos: pressupostos teórico-metodológicos**

Os dados foram levantados a partir do acompanhamento de dois sujeitos adultos, JM e VM, com acometimento de memória advindo comprometimento neurológico. O acesso aos dados para tais fins configura-se de forma longitudinal, em meio à interlocução, para possibilitar o exame dos pormenores e das marcas individuais, permitindo buscar explicações, mais do que tentar encontrar evidências para teorias científicas existentes, permitindo analisar as variações concernentes às associações linguísticas e à memória ao longo de um período.

O Sujeito JM, atualmente com 50 anos, solteiro, nível superior incompleto, segundo relatório médico, é portador de arritmia cardíaca maligna que evoluiu com parada cardiorrespiratória no dia 02/12/2018. Em decorrência da anoxia cerebral pela morte súbita abortada, teve como consequência lesão em hipocampo, dificuldade na marcha, na fala, na cognição e amnésia recorrente para fatos recentes.

O outro sujeito, VM, atualmente com 47 anos, casado, nível superior completo, sofreu, conforme relatório médico, hemorragia subaracnóidea por ruptura de aneurisma de artéria comunicante anterior em 19/08/2018, sendo submetido a tratamento endovascular com embolização do aneurisma, apresentando, como consequência, sintomas de déficit de raciocínio e memória.

A pesquisa que deu origem a este artigo foi aprovada pelo Conselho de Ética e Pesquisa, com o parecer de número 3.770.577, e teve o consentimento dos sujeitos JM e VM, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>3</sup>. O que se apresenta é um recorte de 25 sessões de acompanhamento longitudinal durante sete meses, as quais foram adaptadas ao espaço virtual de interação, estabelecendo relação com 44 sessões de acompanhamento realizado presencialmente, já que as atividades presenciais, realizadas antes da pandemia, ocorriam no ECOA, vinculado ao LAPEN, e

---

<sup>3</sup> O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado pode ser acessado através do seguinte link: [https://drive.google.com/file/d/1Xx4QV\\_eTbVJVdeuP3K06eNT46\\_q2JtR5v/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Xx4QV_eTbVJVdeuP3K06eNT46_q2JtR5v/view?usp=sharing)  
revista *Linguagem*, São Carlos, v.42, n.1, 2022, p. 91-108

tinham o intuito de oportunizar um ambiente dinâmico, de interação entre pesquisadores, sujeitos e familiares.

A partir das restrições pandêmicas, utilizou-se de aplicativo de mensagens gratuito conectado à internet para enviar mensagens e fazer chamadas de áudio e videochamadas (*WhatsApp*) para proporcionar condições de interação semelhantes aos encontros presenciais, com a garantia do protocolo de biossegurança, por meio de atividades sistematizadas dinâmicas e colaborativas, de interação entre pesquisadores, sujeitos e familiares.

Os impactos dos acompanhamentos remotos na questão da linguagem em funcionamento foram observados, fato relevante para adentrar no universo que compõe os sujeitos em suas diversas relações estabelecidas com a memória a partir desses casos singulares e das revelações de interações por meio desse tipo de prática com a linguagem. As observações se apoiaram nos subsídios teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva que preconizam um olhar por parte dos pesquisadores para a singularidade dos dados, a partir de uma prática enunciativa-discursiva com ênfase nos processos de significação constituídos a partir da linguagem em funcionamento aliada a uma articulação teórica que dialoga com a relação entre o cérebro e a língua(gem) na vida em sociedade.

A abordagem da Neurolinguística Discursiva teve origem no Brasil, no século XX, no final da década de 80, com base no trabalho desenvolvido por Maria Irma Hadler Coudry para tese de doutoramento (1986), publicada posteriormente como o livro *Diário de Narciso: Discurso e Afasia* (1988), que introduziu os estudos neurolinguísticos no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP. Esse trabalho fundante estudou e acompanhou casos de afasia, mas direcionou e direciona importantes fundamentos teóricos para estudos envolvendo a linguagem típica e atípica.

Essa perspectiva teórico-metodológica considera o dado-achado (COUDRY, 1996) resultante da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos. Dessa forma, a teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria.

A partir desses pressupostos, ratifica-se a importância da percepção do investigador na observação do singular, do idiossincrático, bem como sua capacidade de,

com base no caráter iluminador de dados singulares, formular hipóteses explicativas para aspectos da realidade que não se deixam captar diretamente, mas que podem ser recuperados através de sintomas ou de indícios materializados na linguagem e no silêncio dos casos aqui apresentados, paradigma direcionado também por Ginzburg (1989). Além disso, a concepção de linguagem de Franchi norteou o ponto de vista dos pesquisadores, em destaque, é citado que: “a linguagem não é a história do homem, mas, ela constrói essa história” (2011, p. 11).

O acompanhamento longitudinal está registrado na forma de áudio, vídeo, conversas em aplicativos com duração aproximada de 50 minutos por sessão, e tem o intuito de experienciar, nas repercussões no contexto pandêmico, como os sujeitos em questão lidavam com a linguagem depois do evento neurológico que gerou alterações de memória, partindo de conversas informais; leituras e comentários sobre a temática de diversos gêneros textuais e jogos; comentários sobre filmes, músicas, conversas ao telefone; troca de mensagens e de e-mails. As sessões em grupo foram realizadas de forma interativa com outros sujeitos e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências com a linguagem e foram conduzidas por pesquisadores do GPEN, vinculados ao PPGLin.

Para interrupção da coleta de dados, foi utilizado o critério de saturação proposto por de Minayo (2006), que direciona o olhar para o não aparecimento de elementos substancialmente novos dentro do campo de investigação, isto é, a não apreensão de novos dados para esclarecimentos sobre o objeto estudado, sem descartar a dinâmica da linguagem e das vivências.

A análise dos dados evidenciados é fundamentada por meio de situações enunciativo-discursivas transcritas a partir do modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, fundamentados nos Pressupostos Teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND) de Maria Irma Hadler Coudry e Fernanda Maria Pereira Freire (COUDRY, FREIRE, 2010). As siglas *Ins* e *Iic* referem-se aos pesquisadores envolvidos no estudo e a sigla maiúscula está relacionada ao sujeito com acometimento de memória, que possibilitam a interação com a singularidade dos dados. Os números foram requisitados para mostrar a regularidade de alguns fatos, mas sem negligenciar que esses fatos devem ser analisados,

compreendidos e explicados levando em conta os processos de significação que o sujeito produz.

## Resultados e Discussões

Ao colocar a perspectiva do contexto pandêmico para o acompanhamento longitudinal dos sujeitos JM e VM, é importante trazer a trajetória de acompanhamentos realizados de forma presencial e, tão importante quanto, é necessário analisar o trabalho com a linguagem e seus processos de construção ou reconstrução como um compêndio de experiências tanto para o investigador como para os sujeitos.

Na configuração de aproximadamente um ano de acompanhamento, a maior parte das sessões foram realizadas de forma presencial. No entanto, com a instauração das restrições advindas do contexto da Covid-19, sessões remotas atingiram um número significativo, sinalizando a sua possibilidade de realização, conforme ilustra Tabela 1, a seguir.

Total de sessões de Acompanhamento Longitudinal da pesquisa	Total de sessões presenciais		Total de sessões remotas	
	Quantidade	%	Quantidade	%
69	44	64	25	36

Tabela 1: Sessões de Acompanhamento longitudinal<sup>4</sup>.

As sessões de acompanhamento remoto foram sugeridas aos sujeitos e familiares pelos pesquisadores com uma proposta de utilização de um aplicativo de troca de mensagens e comunicação, para que não houvesse interrupção dos espaços de interação com a linguagem. A proposta foi aceita e os acompanhamentos ocorreram com frequência semanal e atingiram 36 por cento do total de acompanhamentos já realizados.

Essas sessões ocorreram por videochamadas para as atividades síncronas e sinalizaram o aumento da utilização das mensagens de texto, ampliando possibilidades de interlocução assíncrona, por meio de mensagens escritas no *WhatsApp*. Ao visualizar o número de sessões realizadas de forma presencial, na Tabela 2, tem-se um parâmetro para compreender a frequência dos sujeitos por sessão.

<sup>4</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.

Total de sessões realizadas	Número de participação por sujeito			
	JM		VM	
44	Quantidade	%	Quantidade	%
	22	50	19	43

**Tabela 2:** Porcentagem de participação dos sujeitos nas sessões de acompanhamento presenciais<sup>5</sup>.

Nas sessões presenciais, os sujeitos foram acompanhados no LAPEN, em sessões semanais, individuais ou em grupo. O sujeito JM participou de cinquenta por cento do total de atividades e o sujeito VM, de 43 por cento das atividades realizadas pelos pesquisadores em laboratório.

Ao considerar os encontros remotos, contempla-se um aumento da participação dos sujeitos como demonstra a Tabela 3, a seguir.

Total de sessões realizadas	Número de participação por sujeito			
	JM		VM	
25	Quantidade	%	Quantidade	%
	23	92	15	60

**Tabela 3:** Porcentagem de participação dos sujeitos nas sessões de acompanhamento virtuais<sup>6</sup>.

Das 25 sessões de acompanhamento realizadas no formato virtual, obteve-se 92 por cento de participação do sujeito JM nas sessões de acompanhamento e 60 por cento do sujeito VM.

Diante dos dados apresentados, contempla-se o espaço para práticas com a linguagem que são concebidas como forma de ação e de realização, pois ao considerar a construção e reconstrução das associações linguísticas e das relações com aspectos singulares como a memória apresenta-se um espaço de possibilidades, visto que, nas situações de uso da linguagem advindas de situações enunciativo-discursivas remotas e presenciais, tem-se o encontro com as dificuldades linguísticas do sujeito, ou seja, com o que não se consegue verbalizar, e, em seguida, o processo colaborativo para a sua

<sup>5</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.

<sup>6</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.



reelaboração em um contexto que contempla lacunas com a memória. Neste texto, esses momentos serão retratados em quatro quadros que são recortes das 25 sessões síncronas, vejamos.

Apresenta-se no **Quadro 1**, intitulado “Coronavírus”, uma situação em que o sujeito JM e a pesquisadora comentam sobre encontros anteriores em uma sessão de acompanhamento realizada virtualmente. No processo de interlocução é possível verificar as lacunas que perpassam as alterações de memória vivenciadas pelo sujeito e os encontros possíveis na linguagem.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Iic	Por que que a gente está se encontrando assim?		
2	JM	Por que você marcou?		
3	Iic	Mas por que que a gente não está indo para a UESB?		
4	JM	Por causa do Coronavírus.		
5	Iic	É! Isso aí! Isso mudou a nossa rotina. A gente não pode ter contato físico, o Campus da UESB está fechado, as atividades de laboratório estão suspensas presencialmente e o meio que conseguimos lidar com essa situação foi por meio da videochamada. Porque nossa ligação é por meio da linguagem, pela troca. //Esse já é o nosso quarto encontro.		(//) Pausa
6	JM	Quarto?! Não lembro de nenhum.		
7	Iic	No primeiro encontro, tinha mais alguém. Quem era? // Não lembra de alguém que participou com a gente?		(//) Pausa
8	JM	Não!!		
9	Iic	Não? É um rapaz!		
10	JM	Bom, se é um rapaz deve ser VM! Cadê Fvm, está boa?	Fvm é a esposa de VM.	
11	Iic	Pois é! Vamos perguntar para ele! Estou vendo se ele vai entrar! Vou chamar de novo. Vou voltar lá para ver o que ele		(//) Pausa

		respondeu. // Ele está dizendo que daqui cinco minutos, viu?		
12	JM	Viu!		
13	Iic	Pronto. Ele disse que está com problemas no celular, vai entrar daqui cinco minutos. Enquanto isso, a gente vai conversando. Tivemos o primeiro encontro que a gente falou de uma cientista. Quem foi a cientista?		
14	JM	Jill Bolt Taylor!	Fala com ânimo.	
15	Iic	E do seu livro! Qual é aquele livro da capa amarela?		
16	JM	A cientista que curou seu próprio cérebro!		
17	Iic	Pronto. Nesse primeiro encontro, tratamos disso. No segundo encontro, um autor, que é muito popular na literatura brasileira que é conhecido e reconhecido pelas histórias para crianças nos presenteou com duas fábulas. Quem é esse autor? // Um autor bem conhecido da literatura brasileira, que escreve para crianças, um dos livros dele virou série na televisão, que encantou a todos durante muito tempo.		((/)) Pausa
18	JM	Monteiro Lobato!		
19	Iic	Nós trabalhamos duas fábulas dele. No segundo encontro que tivemos, você ficou com uma fábula e VM com outra fábula. O que tem sempre no final da fábula?		
20	JM	Um ensinamento.		
21	Iic	E a gente trabalhou com dois ensinamentos: o primeiro, dizer é fácil, fazer é difícil.		
22	JM	Fazer é difícil! Exato.		
23	Iic	Você lembra qual texto tinha esse ensinamento? Falar é fácil, fazer é difícil? Que animalzinho estava nesse texto?		
24	JM	Coruja?		
25	Iic	Não. Teve outro da coruja! Foi uma assembleia de quê?		
26	JM	Dos ratos.		

27	Iic	Muito bem! Assembleia dos ratos! Você chamou o rato de quê? Ele era o quê?		
28	JM	Dom Casmurro!		
29	Iic	Por isso que a gente misturou tudo as histórias e levou até Machado de Assis para a história. Pronto. Você já lembrou de dois encontros. No último encontro, você lembra disso?		Iic mostra um quadro com o placar de pontos do quiz que fizeram na semana anterior.
30	JM	Não. Caramba!		
31	Iic	Você acertou tudo! VM não veio.	Risos.	

**Quadro 1:** Coronavírus<sup>7</sup>.

O dado, transcrito a partir da quarta sessão realizada de forma remota com os sujeitos, ilustra um processo de encontros, descobertas, construções e reconstruções possíveis na e pela linguagem. Na situação enunciativo-discursiva, o sujeito JM manifesta no turno 6 que não se lembrava dos outros encontros realizados, mas a interlocução com o outro, vai permeando marcas de vivências, trajetórias, associações que constroem e reconstroem eventos, possibilitando novos caminhos e trajetos, o que pode ser verificado no turno 10: “Bom, se é um rapaz deve ser VM! Cadê Fvm, está boa?”. Ao chegar no turno 14, JM vai resgatando os encontros anteriores. Há um movimento que é desencadeado pela fala do outro, do pesquisador mediador, reverberando em associações que vão conduzindo ao resgate de informações e a reconstruções.

É perceptível no acompanhamento das questões de memória advindas de um evento neurológico, como os que foram vivenciados por JM e VM, uma semelhança com os lapsos que pessoas sem lesões neurológicas costumam ter em determinadas situações como cansaço ou *stress*, mas o que caracteriza os casos de alteração de memória após eventos neurológicos é o grau de incidência dos esquecimentos e a dificuldade em contornar as situações. Assim, observam-se os efeitos das práticas discursivas nas retomadas de memória, em outras palavras, como a interação favorece ao sujeito o encontro com o que a patologia apaga em um processo que “se reconstitui e reconstitui sua linguagem” (COUDRY, 1988, p. XVIII).

<sup>7</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.

Um aspecto positivo para a interação no terreno virtual é a possibilidade de utilização de chamadas de vídeo, pois permitem analisar aspectos gestuais, entonacionais, corporais com maior aproximação das sessões presenciais. A possibilidade do encontro, da troca de experiências e a interação favorecem aos sujeitos o encontro de suas lacunas e proporcionam caminhos para atuar nas suas necessidades. O **Quadro 2**, a seguir, apresenta a autoanálise do sujeito VM sobre a sua condição.

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	VM	Engraçado que eu... //		((//) Pausa
2	Iic	Que você o quê, VM?		
3	VM	Espontaneamente eu não conseguiria lembrar que o nome dela era Fatma, mas depois que você fala eu me lembro e lembro até que era com t mudo. F, A, T, M, A, não é isso?	Referindo-se a uma personagem do filme Milagre da cela 7.	
4	Iic	Isso mesmo!		Risos/
5	VM	É // Estranho porque a memória não funciona de forma espontânea, ela precisa de uns passos//		((//) Pausa
6	Iic	De associações, não é?		
7	VM	Isso eu tenho percebido de forma bem intensa depois que eu tive esse problema, que na verdade está aqui, mas eu não consigo resgatar.		

**Quadro 2:** A memória não funciona de forma espontânea<sup>8</sup>.

Ao interagir com o pesquisador sobre o que a alteração de memória apagou, como se observa no turno 3: “Espontaneamente eu não conseguiria lembrar que o nome dela era Fatma, mas depois que você fala eu me lembro e lembro até que era com t mudo. F, A, T, M, A, não é isso?”, o sujeito VM vai conhecendo e (re)conhecendo suas dificuldades e passa a atuar sobre elas, resgatando detalhes que se materializam em palavras, abrindo possibilidades para resgate de detalhes e minúcias, como pode ser verificado nos turnos

<sup>8</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.

5 e 7. Essas atuações são exploradas com facilidade tanto no ambiente presencial quanto no virtual.

O espaço virtual permite uma infinidade de conexões, compartilhamento de informações em formatos diversos que ampliam o leque de interação como a atividade de leitura vivenciada, apresentada no próximo Quadro.

<b>Turno</b>	<b>Sigla do Locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observações sobre condições do enunciado verbal</b>	<b>Observações sobre enunciado não verbal</b>
1	Iic	Eu estava te perguntando sobre a leitura do livro. Tem feito?		
2	JM	Não estou me lembrando.		
3	Iic	Não? O que você me mostrou na agenda hoje? Agora que a gente começou? Você me mostrou algo na agenda?		
4	JM	Sim! Cinco tópicos!		
5	Iic	De quê? Cinco tópicos de quê? De que livro?		
6	JM	De Jill Bolt Taylor. Não?	Respondeu com a autora do livro que leu antes da leitura a que estavam se referindo.	
7	Iic	É um livro que você tem aí.		
8	Ins	Mas ele pode ter feito do outro.		
9	Iic	Ah! Entendi! Qual foi o livro que você leu o primeiro capítulo?		
10	JM	Agora eu esqueci!		
11	Iic	Pegue a sua agenda!!!		
12	Ins	Na agenda, está anotado o nome do livro?		
13	JM	Não! Só coloquei assim.		Apontando os tópicos que registrou na agenda.
14	Iic	Hum! Quais foram os tópicos? Você pode ler pra gente?		

15	JM	O alcoolismo, o perigo do alcoolismo dentro do hospital, situações de extrema irresponsabilidade, os pezinhos da bebê engessados, orgulho e fé em Deus.		
16	Iic	Que livro foi esse? Será que foi o de Jill Bolt Taylor?		
17	JM		Fica em silêncio por 4 segundos.	Balança a cabeça em sinal de negação.
18	Iic	Esse gesto com a cabeça é o quê? Você se lembra de Jill?		
19	JM	Não! Não me lembro não!		
20	Iic	Você se lembra de Jill? Ela era o quê?		
21	JM	Neurolinguística.		
22	Iic	Ela era Neuroci... Neurocientista. O que aconteceu com ela?		
23	JM	Acho que ela teve o mesmo problema que eu tive.		
24	Iic	Ou similar.		
25	JM	Semelhante, não é?		
26	Iic	E ela relata isso em que livro?		
27	JM	No livro que eu estou lendo, o amarelo.		
28	Iic	Qual é o título desse livro?		
29	JM	A cientista que curou seu próprio cérebro.		
30	Iic	Esse livro aí da cientista que curou seu próprio cérebro é o livro que trata do bebezinho com o pé engessado?		
31	JM	Eu acho que é.		
32	Iic	Tem outro livro que você está lendo? Que está por perto você consegue olhar? Você está em seu quarto? Não tem outro livro não? Tem algum livro que fala de palavras?		
33	JM	Ah! Tem!		

34	Iic	Tem? Que livro é esse?		
35	JM	Há poder em suas palavras! Será que é esse?		
36	Iic	E aí? Analise aí!		
37	JM	Eu acho que foi nesse aqui!		Segura com firmeza o livro "Há poder em suas palavras".

**Quadro 3: Leitura<sup>9</sup>.**

Contrapondo-se ao universo de avaliações descritivas ou metalinguísticas pautadas em exames e testes, sublinha-se no acompanhamento o que Coudry (1988) chama a atenção a respeito das questões de linguagem, ao fazer referência aos casos de afasia, como “exercício intersubjetivo e interpessoal da linguagem em seu funcionamento” para incorporar aspectos que se materializam de forma interacional. Os aspectos da leitura que ficaram perdidos são reconectados nas associações, nas trocas de informações com os outros interlocutores e desse contexto emerge significados que podem ser construídos ou reconstruídos, como, por exemplo, quando JM é instigado por Iic no turno 32: “Tem outro livro que você está lendo? Que está por perto você consegue olhar? Você está em seu quarto? Não tem outro livro não? Tem algum livro que fala de palavras?” e chega a seguinte resposta: "Há poder em suas palavras! Será que é esse?", turno 35, apresentando o título do livro e, em seguida, mostrando-o para a pesquisadora interlocutora.

No **Quadro 4**, abaixo, é possível verificar a interação entre o pesquisador, os sujeitos com acometimento de memória e as possibilidades que a linguagem proporciona a eles.

<b>Turno</b>	<b>Sigla do Locutor</b>	<b>Transcrição</b>	<b>Observações sobre condições do enunciado verbal</b>	<b>Observações sobre enunciado não verbal</b>
1	Iic	E aí? Como foi a semana? Conta aí, VM, como foi a semana?		
2	VM	Nada demais não, na mesma.		

<sup>9</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.

3	Iic	Cumpriu alguma coisa daqui, dos nossos acordos? Nossos combinados? Fez alguma coisa?		
4	VM	A leitura do livro eu fiz. Como é o nome do livro, JM?		
5	JM	“Há poder em suas palavras”!		
6	Iic	Pronto! Olha o que os laços de compromisso fazem! Laços de compromisso aí...		
7	JM	Exatamente!		
8	Iic	O que mais? Teve mais coisa?		
9	VM	Teve duas coisas para ler.		
10	Iic	VM ficou com duas coisas para ler. O outro foi uma indicação sua para mim. Qual foi a indicação de VM para mim?		
11	VM	Ah! Qual foi JM?		
12	Iic	Lembra, VM? VM indicou aqui um livro também.		
13	VM	De Adriana Fóz!		
14	Iic	De Adriana Fóz! A segunda indicação dele foi “A cura do cérebro”! Além disso teve outra atividade. Lembra JM? Não era para ler...		Pausa
15	JM	Não, não lembro.		

**Quadro 4:** Laços de compromisso<sup>10</sup>.

As interações, os laços de compromisso, as trocas de informação, a complementação que o outro traz são aspectos que vão constituindo a forma das experiências em um processo de construção coletiva por meio das práticas discursivas que não poderiam ser encontradas em situações controladas como testes e questionários.

Mesmo que o turno 15 continue a sublinhar as lacunas que permeiam marcas e faltas para esses sujeitos ao mencionar “Não, não lembro.”, contempla-se toda a trajetória do que é possível alcançar nos turnos anteriores. Não cabe à análise de uma sentença e

<sup>10</sup> Fonte: Banco de dados das autoras.



sim de todo o universo que ela contempla, compreendendo os modos de estruturação, descobrindo indícios e permeando associações para possíveis conexões. Nesse sentido, os dados-achados das situações remotas de interação não se distinguem dos dados-achados das interações presenciais.

### **Considerações Finais**

Este texto apresenta resultados referentes a pesquisa com a linguagem no contexto pandêmico por meio das interações de acompanhamentos longitudinais de sujeitos com alterações de memória que passaram a ser realizadas de forma remota e sublinha que, para a construção conjunta dos processos dialógicos em situações reais de interação, é preciso considerar os elementos de adversidade e buscar possibilidades e outros meios para suprir as lacunas.

Com esse modo de proceder, não se ignora a importância e o caráter ímpar de contato físico, presencial para a coleta e análise de questões de linguagem, principalmente em situações atípicas, que fazem com que seu fluxo seja interrompido ou não seja realizado pelas lacunas que as sequelas de uma adversidade deixam, mas busca-se um olhar para outras possibilidades para manter a interação de forma possível.

O acompanhamento longitudinal de questões atípicas do desenvolvimento da linguagem deve ser visto como um lugar de construção a partir de particularidades de sujeitos, ratifica-se que, em meio a uma conjuntura ambiental adversa, pode-se possibilitar condições para operar com a linguagem e continuar atuando com o outro e o mundo, visto que a linguagem, enquanto atividade constitutiva, constrói a história do homem (FRANCHI, 2011), permite modos de associações e (re)estruturação que podem ser vistos mesmo que em indícios.

Nesse sentido, reafirma-se que os dados-achados das situações remotas de interação não se distinguem dos dados-achados das interações presenciais, validando que no processo emerge o caráter subjetivo da linguagem e adentra-se ao universo peculiar que a alteração de memória provoca para estabelecer novas conexões em um processo ativo e possível, em reconstrução.

### **Agradecimento**

À Lucélia Teixeira Santos Santana (*in memoriam*), pesquisadora do GPEN e vítima de complicações da COVID-19, a nossa gratidão pelo exemplo de dedicação, amor e coragem.

## REFERÊNCIAS

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

\_\_\_\_\_. O que é dado em Neurolinguística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194

COUDRY, M.I.H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H. (Org.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 23-48.

FRANCHI, Carlos, FIORIN, José Luiz. Linguagem Atividade Constitutiva. Editora Parábola. São Paulo, 2011 – p.11-31.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

MINAYO, M.C.S. Desafio do Conhecimento. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Submetido em: 01 de julho de 2021.

Aprovado em: 09 de maio de 2022.

### Como referenciar este artigo

COTA, Iva Ribeiro; SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos Sampaio. Alterações de memória, associações linguísticas e práticas discursivas no contexto pandêmico da COVID-19. **revista Linguagem**, São Carlos, v.42, n.1, 2022, p. 91-108.